

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# PROJECTO CASA MUSEU FIALHO DE ALMEIDA, CUBA – VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO E ARQUEOLOGIA PREVENTIVA, RESULTADOS DO ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO

Francisca Bicho<sup>1</sup>, Luís Fialho<sup>2</sup>, Consuelo Gomes<sup>3</sup>, Teresa Ricou<sup>4</sup>

## RESUMO

O presente artigo pretende divulgar os trabalhos de acompanhamento arqueológico, levados a cabo em Cuba (Alentejo) na Casa do Escritor Fialho de Almeida, classificado como Monumento de Interesse Público pela Portaria n.º 263/2014 DR, 2.ª série, n.º 71, de 10-04-2014, no âmbito da arqueologia preventiva. Trata-se de um típico imóvel de arquitectura vernacular Alentejana de finais do séc. XIX.

Palavras-chave: Fialho de Almeida, Etnografia, Cisterna, Adega.

## ABSTRACT

The present article intends to divulge the archaeological works, carried out in Cuba (Alentejo) in the House of the Writer Fialho de Almeida, classified as Monument of Public Interest by Ordinance No. 263/2014 DR, 2<sup>nd</sup> series, no. 71, dated 10-04-2014, in the context of preventive archeology. It is a typical Alentejo vernacular architectural building from the end of the 19<sup>th</sup> century XIX.

Keywords: Fialho de Almeida, Ethnography, Cistern, Cellar.

## 1. INTRODUÇÃO

Os presentes trabalhos de acompanhamento arqueológico agora apresentados prenderam-se com o projecto de recuperação e valorização da Casa do Escritor Fialho d'Almeida, na vila de Cuba, distrito de Beja. O imóvel foi classificado como Monumento de Interesse Público devido ao relevante valor patrimonial associado à figura do ilustre escritor, que aqui residiu desde o seu casamento em 1893, com uma proprietária rural da região até à sua morte em 1911. Por portaria n.º 263/2014 de 10 de Abril é o imóvel sito na Rua João Vaz, n.º 6 classificado como MIP. As obras de requalificação e valorização da Casa Fialho de Almeida cujo promotor é a Câmara Mu-

nicipal de Cuba, iniciaram-se em Setembro do ano de 2016 e ao longo de 2017, tendo como objectivo a reabilitação e adaptação da Casa Fialho de Almeida, a qual incluirá a musealização da parte habitacional relacionada com o escritor, a promoção e divulgação da sua obra literária e um segundo núcleo onde se prevê a criação de um museu temático, o qual se irá designar Museu Rural e Etnográfico da Vila de Cuba, que evidencie a história da ruralidade local. Se a Casa Fialho d'Almeida corresponde ao actual edifício residencial com acesso à partir da Rua João Vaz n.º 6, o futuro museu ocupará o espaço exterior, do mesmo edifício, na zona do actual logradouro, onde se implantava a parte das dependências rurais inerentes a este tipo de residência, com acesso

1. Investigadora Independente; francisca.bicho@gmail.com

2. Herdade do Vau; luisfialho28@gmail.com

3. Investigadora independente; consue8@yahoo.es

4. FCT / CEAAAC; teresaricou\_2@hotmail.com

via a Rua da Parreira. São duas intervenções totalmente diferenciadas, quer em virtude do programa funcional, quer em consequência das características tipológicas do edifício e do seu estado de conservação original. Ou seja, se em relação à casa museu o projecto incide mais sobre a vertente da reabilitação, na manutenção e a recuperação do edificado; no que diz respeito ao Museu Rural, dado o estado de conservação da maioria dos edifícios, o projecto incide mais na construção de raiz, prevendo-se a demolição de grande parte das paredes e edifícios aí existentes (Figura 1).

## 2. FIALHO D'ALMEIDA – O HOMEM, O ESCRITOR E O PROPRIETÁRIO

Este nosso primeiro ponto tem como objetivo apresentar uma breve nota sobre Fialho de Almeida, o homem, o escritor e o proprietário.

José Valentim Fialho de Almeida, o Escritor Fialho d'Almeida, nasceu em Vila de Frades, concelho da Vidigueira, a 7 de Maio de 1857, já passaram os cento e sessenta anos. A autobiografia que conhecemos, remete-nos para uma «casinha de taipa» no Largo da Misericórdia, bem como para a sua infância, da primeira fase de escolaridade, com seu pai, mestre – escola, à ida para Lisboa, onde inicia um percurso de dificuldades.

Quando teria cerca de nove anos, portanto em 1866, ingressa no Colégio Europeu, na zona do Conde Barão, onde viveu com tristeza, submissão, maus tratos, sem visitas do pai, pois a viagem a Lisboa não seria fácil nas condições de vida da família, que vieram a agravar-se e o conduzem em 1872 para o trabalho numa *botica*. Ora, o rapaz tinha então os seus quinze anos, e da forma como descreve esse espaço, o trabalho que desempenhava, bem como a vida na botica, podemos compreender como ali «apodrecia», nas suas próprias palavras, pelos cheiros, condições gerais, mas também pelos sentimentos que o assaltariam nesses longos sete anos, que recorda como verdadeiro tormento.

Fialho não deixou que tudo isso lhe toldasse a observação e a oportunidade de conhecer, o mundo operário da cidade de Lisboa, os que participavam em momentos de conversa sobre casos trazidos à palestra da noite, na própria botica, mas também nos dá conta de como vai lendo e ensaiando a sua escrita em jornais de Leiria e Viseu, ou ainda de como apenas existia o mimo da criada numa casa situada

por cima da botica, que o achava um «amor» mas o trocou por um barbeiro.

O início dos estudos na Escola Politécnica é acompanhado da morte do pai, o que perturba a vida de Fialho d'Almeida, que regressa à terra, mas depois a Lisboa, tentando concluir o curso de medicina, com fracos apoios da mãe e com os trabalhos que desenvolve, dando lições, em colaboração de âmbito literário, esforçando-se, como ele diz, quando outros gozavam tempos livres, e muitas vezes procurando ocultar o estado da roupa ou dos sapatos, velhos e já gastos.

Após o curso, a sua opção não foi pela medicina, que exerceu em apenas curto período, mas pela escrita, quando afinal assim ingressava num meio difícil à sua sobrevivência financeira, mas também em termos de receptividade ao que trazia para oferecer; ele mesmo afirmou que entrar no mundo literário terá sido uma tolice, que as muitas páginas anualmente produzidas eram coisa de excepção neste País, mas que lhe valiam muito pouco, materialmente falando e quanto à avaliação que delas era feita.

Fialho de Almeida até reconhece alguma razão aos que o acusam de escrever fragmentos, de não apresentar um grande romance, mas revela quanto lhe é difícil viver da escrita, pois o exercício desta exige que o faça em tempo curto, contudo, a sua auto-avaliação não é de subvalorização, permitindo-nos mesmo concluir que, ao contrário de outros, sente que é dos poucos que a cada assunto aplica um estilo, que o seu esforço vai no sentido de a linguagem ser exactamente a certa para a realidade e meio social que aborda.

O escritor Fialho d'Almeida veio a revelar – se multifacetado, deixando-nos uma diversidade e riqueza de abordagens, mas, decorridos mais de cem anos sobre a sua morte (4 de Março de 1911), continua a ser imperioso ler os seus textos, para conhecer, interpretar, contextualizar, fazer sair do esquecimento e/ou das apreciações negativas que o têm rodeado, imperioso é também que se divulgue, se dê a conhecer. É igualmente pertinente que se tome contacto com os estudos mais recentes, promissores de uma valorização da qualidade de Fialho, pois através deles poderemos encontrar motivação para descobrir melhor o escritor, para chegar aos *Fialhos em Fialho, ao Rosto Múltiplo* a que nos transporta a Professora Isabel Mateus, ou que pela sua mão possamos ainda compreender como Fialho terá sido precursor de grandes nomes da literatura do século XX.

Numa breve síntese, diremos que em *Os Gatos*, a publicação mensal de inquérito à vida portuguesa, de 1889 a 1893, a sua pena leva-nos para a feroz crítica com que tratou a vida social e política da época, fazendo justiça ao lema que seguiu «*Miando pouco, arranhando sempre e não temendo nunca*», mas, Fialho deixou-nos também páginas de crítica de arte, e muitas outras, em que criando palavras vai introduzindo uma verdadeira «Língua de Fialho», como diz o Professor Cândido Franco, e tantas outras, que são verdadeiras pinturas, fotografias ou filmes, por exemplo sobre o Alentejo, onde quase é possível *ver* as paisagens e as gentes, que ele conhece bem e leva à escrita, retratando-as, em particular na dureza do trabalho que nos descreve em *Os Ceifeiros*.

Fialho d'Almeida viveu e conheceu bem os meios de Lisboa em que se movimentava, mas, esteve sempre ligado ao Alentejo até à sua morte, mais ainda após o casamento no ano de 1893, com Emília Augusta Garcia Pêgo, senhora de saúde frágil e que morre em 21 de Setembro de 1894. Emília Augusta era natural da Vidigueira, mas viveu em Cuba desde cedo, localidade onde o casal passou a residir na casa da Rua João Vaz; Fialho casou com uma proprietária, pelo que a sua vida terá ganho outras condições, o que motivou alguns a considerarem que se foi aburguesando.

Fialho d'Almeida assume a vertente de proprietário e gestor da casa agrícola, e podemos observar no seu espólio, Catálogo Web da Biblioteca Municipal de Cuba, alguns documentos sobre a ferragem de animais, arranjo de alfaias agrícolas, ou nota manuscrita sobre colheitas, por espécie de cereal, o semeado, obtido e resultados.

Após a morte da mulher, que não deixou testamento, cabe a Fialho d'Almeida, como seu herdeiro legítimo, declarar os bens da herança, que constam do Processo 330 da Fazenda do Concelho de Cuba, como também a declaração de que Fialho dispõe de propriedades na freguesia de Vila de Frades, inscritas na Fazenda da Vidigueira em nome da mãe, que delas vive e paga impostos.

Os bens são descritos em vários números, que se reportam a bens móveis e imóveis, rústicos e urbanos, foros, dívidas de terceiros. Para além de bens que são recheio da casa, como por exemplo móveis, louças, roupas, um piano usado e partido, há bens associados à exploração agrícola, ou à actividade vinícola, como caldeira de destilação e serpentina.

No conjunto dos prédios rústicos, em particular de semeadura e vinhas, destaca-se a Herdade das *Antas*

*de Cima*, na freguesia de Vila Alva, foreira a várias entidades. E quanto à propriedade urbana, sita em Cuba, também com imposições foreiras, destaca-se a casa da residência, mais duas outras, imediatamente anexas, na Rua João Vaz, e ainda uma casa de despejos na Travessa Longa.

A casa principal, que correspondia à residência, era «composta de dezasseis casas térreas, quatro adegas, casa de caldeira, cavalaria, palheiro e quintal (...)», e quanto às outras duas, sequenciais e de valor diferente, tinha a primeira «Quatro casas térreas e um bocado de quintal (...)», e a que se segue «Quatro casas térreas (...)», sendo a «Casa de despejos na travessa Longa, da Cuba, composta duma só casa (...)». Fialho d'Almeida sobreviveu a sua mulher até 4 de Março de 1911, deixando testamento cerrado, que é um documento valioso para o conhecimento dos seus bens e destinatários por sua última vontade, em particular os legatários instituídos; os testamentários designados são os amigos Xavier Vieira e Dr. Vicente Taquenho. Para além do testamento, observamos desta vez o Processo 526 das Finanças do Concelho de Cuba para melhor compreender o universo dos bens existentes na posse de Fialho à data da sua morte.

Neste registo, não vamos referir bens móveis, de diversa natureza, quer da residência, quer da parte agrícola da mesma, os foros sobre propriedade rústica, como igualmente não iremos aprofundar as alterações ao património de Fialho entre 1894 e 1911, ou após a sua morte e para efeitos de cumprimento de obrigações testamentárias, abordaremos apenas alguns bens por legados e legatários.

Do legado do Escritor ao seu amigo Xavier Vieira, destaca-se um valioso conjunto de revistas de temáticas diversas, literárias, de arte, etc., jornais, postais ilustrados, enquanto o legado à Biblioteca Municipal em livros, que existiam em diversos espaços da casa de Cuba, estantes e gavetas, ascende a 2980 volumes, acrescido dos 1564 volumes que o autor mantinha na casa de Vila de Frades.

Ao irmão, lega o Escritor e Proprietário vários bens móveis, entre roupa e outros, como uma corrente em ouro e um relógio, embora estragado, carro e animais de trabalho, e ainda o usufruto da herdade «Montinhos Velhos», na freguesia de Selmes, Vidigueira, que Fialho havia adquirido ao então proprietário, de Lisboa, e que arrendou a um casal dessa freguesia, por 8 anos e por escritura efectuada em 15 de Setembro de 1904.

Ao seu feitor, que o acompanhou até à morte no regresso de Vila de Frades a Cuba, legou Fialho propriedade rústica a Vale de Rocim, composta de vinha e olival, sendo que nessa zona tinha adquirido duas parcelas de terra por escritura lavrada a 23 de Janeiro e 17 de Fevereiro de 1897, portanto, após a morte da mulher.

Em legado à sua governante, temos a casa situada na Rua João Vaz em Cuba, o espaço que albergou os livros de Fialho d'Almeida, mas confirma também a vocação agrícola da mesma e do seu proprietário, «Uma morada de casas para habitação, celeiro para cereais, casas de despejos, lagariça, casa de azeite, armazéns e adegas de vinhos, casa de caldeira e quintais (...)», desta vez anunciando um todo que passou a incluir a área dividida em três casas em 1894.

Será a futura Casa Museu Fialho d'Almeida, e nesta fase de obras, nela se foca o acompanhamento arqueológico em questão nos capítulos seguintes.

### 3. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS DE ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO

A Casa Fialho de Almeida localiza-se bem no centro da Vila de Cuba, freguesia e concelho de Cuba, distrito de Beja, num gaveto entre a Rua João Vaz e a Rua da Parreira. Com uma área global apreciável – 1.086 m<sup>2</sup>, não é no entanto um edifício que se destaque particularmente no contexto urbano da Vila. Trata-se de facto de um edifício residencial, relativamente modesto, típica residência urbana de proprietários rurais relativamente abastados, característica de meados/finais do século XIX.

A sua classificação como monumento de interesse público reflete os critérios constantes do artigo 17.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, relativos ao interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos e à sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva. E é no âmbito desta classificação que se enquadram os trabalhos de acompanhamento arqueológico

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico iniciaram-se em Setembro de 2016 e terminaram em Abril de 2017 e acompanharam o período de demolições e escavações necessários à execução e implementação dos distintos projectos em curso. Foram exatamente estes dois trabalhos (escavação e demolição) que permitiram recolher alguns dados que hoje nos trazem uma nova luz sobre a Casa onde viveu o

escritor Fialho de Almeida e da sua configuração original (?) durante a sua vida.

#### 3.1. Trabalhos de Demolição

Os trabalhos de demolição foram sobretudo executados na zona onde se irá localizar o futuro museu etnográfico, trabalhos estes derivados do estado de ruína existente e do programa funcional proposto. Nesta área o avançado estado de degradação das paredes (derivado de décadas de abandono do edifício), por questões de segurança não permitia uma picagem das mesmas antes da sua demolição. Desta forma, optou-se por apenas se proceder à picagem das paredes que apresentavam maior estabilidade. Esta picagem revelou, no geral, uma construção com embasamento pétreo e paredes em taipa, a técnica construtiva mais utilizada a sul do país, aproximadamente até aos anos 50. Dentro desta, distinguimos dois tipos distintos, uma taipa mais fina, de coloração clara, com frequentes elementos pétreos e cerâmicos e outra mais escura e compacta. Esta variação que dependeu sobretudo do tipo de terra que foi utilizado, pode também deixar entrever diversos momentos cronológicos na construção do edifício. Normalmente, as camadas de taipa aparecem separadas por um fiado de tijolo de burro e argamassa e rebocadas em cal (Figuras 2 e 3).

No interior da casa não foi necessário proceder à demolição (com exceção de algumas paredes medianeiras), tendo-se contudo procedido à picagem prévia de quase todas as paredes (com exceção das salas onde se localizavam as pinturas murais a preservar e requalificar). Esta área revelou, mais uma vez, um sistema construtivo cuja base das paredes (embasamento) era em pedra e sobre a qual se desenvolve paredes em taipa e tijolo, com arcos de descarga os quais permitem a construção de um segundo piso. Foi possível ainda observar o entaipamento de várias passagens, o que denota uma evolução da casa ao longo dos tempos, com a comunicação e posterior separação de vários compartimentos, permitindo alterar a funcionalidade dos mesmos durante a história da Casa Fialho de Almeida. De realçar a existência de duas portas entaipadas, uma primeira no compartimento que se pensa ou que poderá ser o escritório do escritor Fialho d'Almeida e uma segunda no compartimento vizinho, na zona de acesso ao piso superior da habitação e ao célebre terraço relacionado com o imaginário do escritor (Figuras 4 e 5).

### 3.2. Trabalhos de escavação e rebaixamento dos pisos actuais do imóvel

No que se refere aos trabalhos de escavação, estes limitaram-se, na zona residencial, ao rebaixamento do piso em algumas salas e no corredor (distribuidor de espaços, em torno do qual se articulam as distintas divisões identificadas), em cerca de 0,50 m. Durante estes trabalhos de rebaixar a cota actual, identificou-se um muro em pedra seca, na sala onde se encontram as escadas de acesso ao segundo piso. Esta estrutura não foi intervencionada, tendo sido registado graficamente (desenho e fotografia), bem como georreferenciado, uma vez que se encontrava abaixo da cota de afectação. A mesma metodologia foi utilizada no muro identificado na sala que é apontada por vários autores (e surge representada em uma das fotografias que se conhece do escritor) como sendo o antigo escritório de Fialho de Almeida. Este segundo muro era constituído por elementos pétreos de pequena e média dimensão ligados por argamassa de cal esbranquiçada. Os muros, por se encontrarem abaixo da cota de afectação apenas foram registados, tendo posteriormente sido devidamente tapados e protegidos com geotêxtil e areia. Foi contudo possível observar, em relação a ambos os muros, que estes não seguiam canonicamente a orientação das paredes mestras, divisórias e medianeiras actuais da casa, estando inclusive a segunda estrutura arqueológica cortada pela parede divisória entre um pequeno quarto ou divisão interior e o possível escritório do mesmo, não estando, por essa razão, relacionados com a construção da actual Casa Fialho de Almeida, sendo mais antigos que a mesma (Figura 6).

## 4. LOGRADOURO/ÁREA AGRÍCOLA

A zona da área onde se irá localizar o futuro museu etnográfico foi outra das zonas de eleição dos trabalhos de escavação, pois devido ao avançado estado de degradação das paredes existentes (que não permitem preservá-las para o novo museu), foi necessário escavar fundações para as novas paredes. Estes trabalhos foram procedidos de remoção de entulhos, os quais se encontravam um pouco por toda a área, e que se deviam ao avançado estado dos antigos armazéns agrícolas. Foi nesta área que se identificaram as estruturas etnográficas. Uma dorna, uma nora, um poço e um sistema de levadas. Após esta descoberta foi alterado o projeto do museu etnográfico por for-

ma a permitir a preservação destes elementos e a sua integração no novo museu etnográfico.

### 4.1. Elementos etnográficos identificados

Durante os trabalhos de escavação da zona onde se irá localizar o futuro museu etnográfico, foram identificados alguns elementos etnográficos. Uma cisterna, um poço, alguns sistemas de canalização/levadas, e uma dorna ou “ladrão”. Estes elementos foram alvo de limpeza e caracterização, dentro dos trabalhos de acompanhamento arqueológico (não se tendo procedido a nenhuma escavação que permitisse uma análise, e caracterização cronológica, da sua construção, mais fina). Entretanto, e no decorrer da obra, foi decidido pelo dono de obra preservar as estruturas identificadas, não estando contudo os trabalhos de valorização dentro do âmbito da nossa intervenção. Aquando do início dos trabalhos apenas era visível nesta área dois antigos tanques em tijolo e argamassa os quais se localizavam na zona mais a este do quintal. Durante os trabalhos de escavação de uma das sapatas foi possível identificar, por baixo do tanque mais a este uma estrutura em tijolo, retangular, encrostada na rocha, com cobertura abobada em tijolo, e arco de descarga central, a qual assenta sobre dois arcos laterais de descarga (limites este e oeste) e uma parede de tijolo na extremidade sul da estrutura. A norte (zona danificada no momento em que foi identificada a estrutura) encontra-se uma entrada definida pelas paredes laterais e pela abóbada. No interior dos arcos de descarga, que definem os limites este e oeste da estrutura, não existe tijolo, sendo as paredes definidas pela própria rocha. Na abobada existiam duas aberturas retangulares (entretanto tapadas pelo tanque que se instalou por cima da estrutura). Esta estrutura foi interpretada por nós como sendo uma cisterna.

Durante os trabalhos de limpeza e caracterização da estrutura procedeu-se ao desentulhamento da mesma, contudo e após cerca de 1,30m de escavação, foi necessário parar a mesma devido ao surgimento de água no fundo. Não sendo possível ter as dimensões totais da profundidade da cisterna.

A construção dos tanques é claramente posterior à estrutura. Não compreendemos, no entanto, se a cisterna e os tanques chegaram a funcionar, ou não, simultaneamente. Contudo o tanque que assenta sobre a nora cobriu as duas entradas superiores, podendo a água ter continuado, contudo, a ser retirada pela entrada localizada a norte.

A Sul desta estrutura, a menos de dois metros da mesma, foi identificado um poço, com paredes em tijolo, e formato hexagonal. A boca deste localizava-se a menos de 0,50 m da superfície e é coberta por uma tampa de cimento, que se encontra colada à estrutura do poço, e que apenas possui uma abertura quadrangular de cerca de 0,35 metros.

Durante os trabalhos de limpeza da cisterna foi encontrado o sarilho que era utilizado para fazer subir e descer o balde com que se retirava água do poço. “O sarilho é um aparelho que assenta num princípio semelhante ao da roldana, mas mais aperfeiçoado. Em vez da simples roda, o sarilho é um cilindro horizontal, com dois espigões de ferro nas extremidades. Apoiados em dois postes laterais, ou metidos em dois orifícios vazados nesses postes. Uma das pontas da corda está presa ao cilindro e da outra está suspenso o balde. A corda tem o comprimento necessário para o balde mergulhar no nível mais baixo da água, no período de estiagem. No geral um dos espigões do sarilho é perlongado, e transforma-se numa manivela.” (Dias e Galhano, 1986, p. 132). O sarilho encontrado durante os trabalhos de limpeza é semelhante à descrição destes autores, contudo tem duas manivelas, sendo semelhantes aos identificados pelos autores na região de Moura. As duas manivelas permitiam que dois homens trabalhassem em simultâneo, sendo maior a quantidade de água retirada (Figuras 7 e 8).

Na envolvente da cisterna, do poço e dos tanques foram identificados vários sistemas de condução de água que ligavam estas estruturas. Estas encontravam-se, na sua maioria, bastante danificadas. Os sistemas de condução de água, ou levadas, possuíam um fundo em tijolo de burro e duas paredes laterais constituídas por um tijolo de burro colocado lateralmente ou uma pedra. Um destes sistemas que corria no sentido este/oeste iria desaguar na própria cisterna e provinha de uma bifurcação deste sistema de levadas. Desta bifurcação seguia um outro canal no sentido norte que foi cortada pela construção da parede que divide a casa Fialho de Almeida da propriedade vizinha, na Rua de Almeida Tojeiro. Na saída da zona residencial da casa Fialho de Almeida para o quintal, encontra-se um poço, o qual recolhe as águas pluviais, com pequeno tanque ou bacia associados e um alguidar em barro vidrado de cor melada encastrado, em uma das suas paredes. Este alguidar possui um pequeno orifício que permitia, com recurso a um tampão (talvez de cor-

tiça) encher o alguidar e depois esvaziá-lo quando necessário. Este poço e tanque possuem ainda uma canalização vertical que permite recolher a água dos telhados para abastecer o poço (que aqui cumpriria uma função de cisterna de apoio à área residencial da casa). Durante a remoção da calçada, existente no quintal, foi possível identificar uma canalização em tijolo burro, que atravessa o quintal no sentido NE-SW. Esta canalização ligava o poço, atrás descrito, com a zona onde se localizava a cisterna e o poço identificados durante os trabalhos de escavação das sapatas do futuro museu etnográfico.

No local onde anteriormente se erguia um dos edifícios agrícolas, entretanto demolidos, na zona do pátio do futuro museu etnográfico, identificou-se uma talha encrostada no solo, interpretada como uma dorna. A talha com cerca de 1,40 metros de altura, tinha um diâmetro máximo de 1,25 metros e um diâmetro de boca de 0,38 metros. O bocal encontra-se emoldurado por uma estrutura quadrangular em tijolo, a volta do qual se desenvolvia um piso em tijoleira, com ligeira inclinação para o centro, no qual se encontrava a talha. As dornas, também conhecidas como “ladrão,” são elementos colocados no centro das adegas com a função de recolher o mosto e o sumo do vinho, caso alguma das talhas existentes na adega se parta durante o processo de fermentação. A ideia da dorna é algo que já vem do tempo dos romanos. No tratado sobre a agricultura de Varrão este é claro em relação à necessidade deste elemento, aconselhando que as adegas das *Villas Romanas* deveriam ter “o pavimento inclinado para uma fossa, porque ao colocar o vinho nas respetivas talhas em Espanha e nos toneis em Itália, estas partem-se com a força do mosto.” (Raquel Margarido, 2009, pág. 7) (Figura 9).

## 5. CASA FIALHO DE ALMEIDA: BREVES REFLEXÕES

Tentar ler a organização da casa Fialho de Almeida à luz dos novos dados é tarefa árdua, pois as informações que possuímos não foram verificadas em termos estratigráficos e cronológicos, através do processo de escavação. Recorremos então à leitura dos paramentos que foi possível observar. Contudo, não será descabido pensar que os elementos etnográficos, identificados durante o acompanhamento, pertençam à estrutura original da casa Fialho de Almeida, parte integrante da habitação que Fialho co-

nheceu e foi proprietário, perfazendo o que seria no seu todo uma casa de lavoura, com área residencial e dependências agrícolas (Figura 10).

### 5.1. Quintal/Logradouro

Começando pelos elementos identificados no espaço da Casa Fialho de Almeida onde se irá construir o Museu Etnográfico, a cisterna e o poço estariam localizados numa área da casa Fialho de Almeida, a qual terá em tempos sido uma área aberta, provavelmente a horta da casa. Ao olharmos para o rol de bens que o escritor herdou, por morte de sua mulher, vimos que este herdou na Rua João Vaz (rua onde se localiza a Casa Fialho de Almeida) três casas todas elas anexas. Em todas se faz referência à existência de quintal. Ao olharmos para a planta da Casa Fialho de Almeida, publicada no boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida, no ano de 2000, por Joaquim Palminha da Silva, verificamos que esta zona corresponde a uma zona aberta nessa planta. Restam as dúvidas de qual a dimensão deste quintal, se a mesma que têm agora, ou se maior? Ao olharmos para as levadas, postas em evidência durante os trabalhos, reparamos que uma destas levadas, que desemboca no poço cisterna, aqui identificado, é cortada pelo muro de divisão que separa a atual casa Fialho de Almeida da casa vizinha, com acesso via a Rua João de Almeida Tojeiro. Existe a grande probabilidade de esta casa ter feito parte da propriedade de Fialho de Almeida, ou pelo menos de a determinada terem pertencido à mesma propriedade, a qual posteriormente terá sido dividida em parcelas de dimensões e proprietários distintos. Outro elemento, que vem alterar um pouco a leitura deste espaço: a dorna, identificada durante estes trabalhos, encontra-se claramente localizada num dos antigos armazéns agrícolas da casa Fialho de Almeida. A dorna em questão corresponde a um recipiente de barro, encaixado em uma depressão escavada no solo da adega, para a qual escorre o vinho em caso de acidente, por exemplo rebentamento de uma talha (Ó, 2010, p. 34).

O espaço onde esta foi localizada seria (de acordo com a planta publicada em 2000 no Boletim da Associação Fialho de Almeida) o celeiro. Neste espaço identificaram-se, durante a remoção dos entulhos (resultado da degradação e abatimento de telhado e paredes), vários bojós e bordos de talhas. A identificação desta dorna, e destes bojós e bordos de talhas, permitem-nos avançar com a localização, neste es-

paço, de uma adega de grandes dimensões, a qual poderá ou não, corresponder a uma das quatro adegas, mencionadas no testamento e herdadas pelo escritor aquando da morte da sua mulher. Voltadas a referir aquando da morte de Fialho, na relação dos bens doados a Gertrudes da Conceição Carapeto, sua governanta. Não colocamos de lado a hipótese de que com o tempo e desativação da sua funcionalidade original, este local se tenha transformado num celeiro. Contudo as dimensões do edifício anteriormente aqui existente, bem com a presença da dorna indicam que estaríamos perante uma grande adega, se não mesmo a maior das adegas da Casa Fialho de Almeida.

### 5.2. Zona residencial

No que à zona residencial desta casa diz respeito, foi-nos possível, através da análise parietal verificar portas, aberturas e alpendres entaipados, com a sua funcionalidade original profundamente alterada. Neste sentido são de realçar as duas mencionadas portas entaipadas e acima ilustradas, pois significa que a determinada altura esta casa seria de maiores dimensões e se prolongava para a zona onde hoje em dia se encontra o actual edifício das Finanças e Junta de Freguesia de Cuba, apresentando quer dimensões, quer uma configuração em planta distinta da actual. Desta forma ao reconhecermos a extensão do piso térreo em direcção aos edifícios mencionados, compreende-se e aceita-se melhor a existência de um compartimento ao nível do segundo piso, no que seria possivelmente uma zona de arrumos e de dependências para criados, divisão essa que assenta sobre o edifício das Finanças, como uma espécie de istmo, prolongando-se para além dos limites actuais da Casa Fialho de Almeida. Ora tal permite conjectural sobre a real configuração da Casa Fialho d'Almeida, a nível da planta e a nível da fachada principal, será esta a casa original que Fialho d'Almeida conheceu e habitou, ou trata-se de um complexo Palimpsesto que chegou aos nossos dias, fruto de heranças e profundas remodelações que reflectem no fundo as vivências e vicissitudes de uma comunidade dinâmica, que habita também ela um espaço profundamente dinâmico.

Finalmente não poderíamos terminar este artigo sem sublinhar a importância da detecção das primeiras estruturas habitacionais de cariz arqueológico identificados no espaço urbano da vila de Cuba, que revelam a existência de uma estrutura de fun-

cionalidade desconhecida anterior à construção da actual Casa Fialho de Almeida. De difícil adscrição cronológica, uma vez que não foram escavados, pois não seriam afectados pelas intervenções em curso, foram apenas registados graficamente e georreferenciados, mas do que não existe dúvidas é de que são anteriores à construção da Casa Fialho de Almeida, a qual pelo menos em 1886 já existia.

As estruturas correspondem ao embasamento em pedra seca de um muro com cerca de 0,65 m de largura, por cerca de 1,20 m de comprimento conservado, cujo topo superior seria em taipa, orientado SE-NW. Foi ainda identificado na sala das escadas de acesso ao piso superior, um muro em pedra faceada de pequena e média dimensão ligado por uma argamassa de cal esbranquiçada, com cerca de 0,60 m de largura e 1,30 m de comprimento, orientado SW-NE. Tais estruturas corresponderão a uma construção anterior que ocupou este espaço e são seguramente anteriores à construção do imóvel alvo da intervenção de recuperação.

## BIBLIOGRAFIA

BORGES, Maria Emília Salvado (1994) – *O Concelho de Cuba nas Memórias Paroquiais de 1758*. Lisboa: Edições Colibri.

BORGES, Maria Emília Salvado (1999) – *O Concelho de Cuba, subsídios para o seu Inventário Artístico*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Edições Colibri.

BORGES, Maria Emília Salvado (2000) – *Homens fazendas e poder no Alentejo de Setecentos – O caso de Cuba*. Lisboa: Edições Colibri.

CORREIA, Mariana (2007) – *Taipa no Alentejo*. Lisboa: Argumentum.

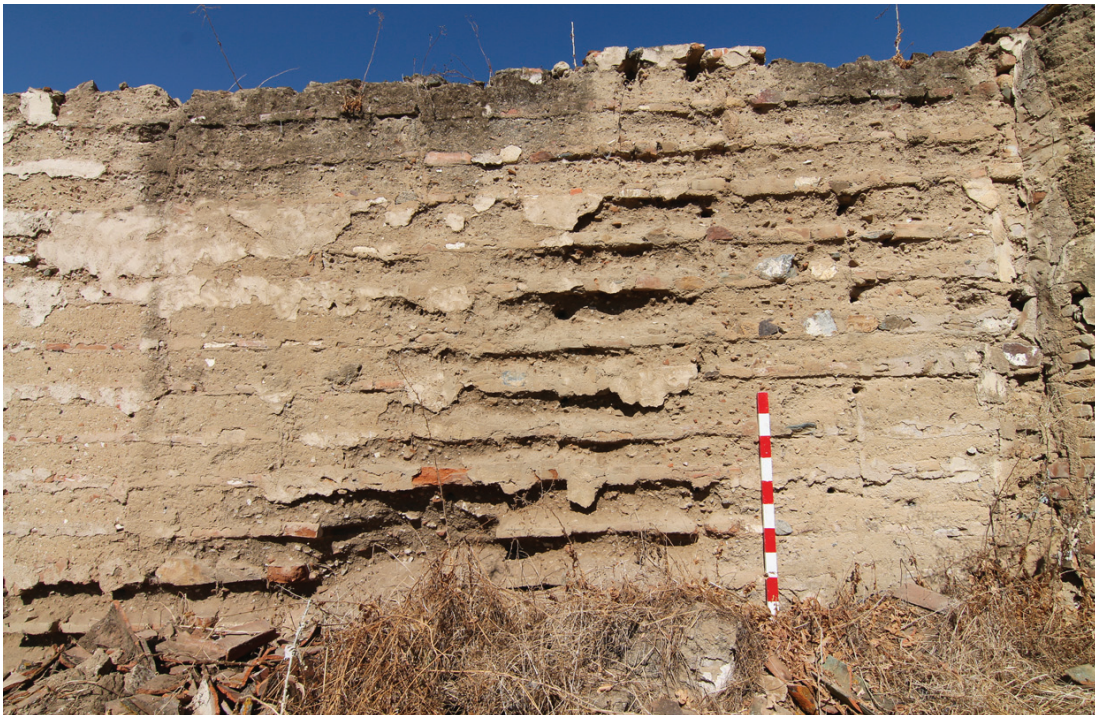
DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando (1986) – *Aparelhos de elevar a água de rega: Contribuição para o estudo do regadio em Portugal*. Portugal de Perto, n.º 12. Lisboa: Editora D. Quixote.

Ó, Desidério Lucas do (2010) – *Vila de Frades, Capital do Vinho da Talha*. Sintra Editora Colares.

SILVA, Joaquim Palmilha da (2000) – A Casa de Fialho em Cuba. *Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida*, n.º 2. Cuba: Associação Fialho de Almeida, p. 2-13.



Figura 1 – Localização geográfica e cartográfica da Casa Fialho de Almeida.



Figuras 2 e 3 – Tipos de taipa nas dependências agrícolas da Casa Fialho d’Almeida.



---

Figura 4 – Compartimento de acesso ao piso superior e terraço, porta entaipada.



---

Figura 5 – Escritório de Fialho d'Almeida porta entaipada.



Figura 6 – Muro de uma fase anterior à construção da casa actual do escritor Fialho de Almeida.



Figuras 7 e 8 – Poço cisterna identificado e sarilho.



Figura 9 – Dorna identificada no pátio no espaço que será uma adega.



Figura 10 – Planta geral com os novos elementos etnográficos e arqueológicos identificados, durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico.





Patrocinador oficial